

Provas remetidas à Censura

em 12/6/64

Prova n.º 15

Saída em 28/5/64



com a França e a Inglaterra manifestavam uma oposição radical de regimes políticos, na Áustria isso não acontecia. Governada já há anos por uma ditadura de generais, eclesiásticos e restante direita, realizando a primeira experiência do corporativismo neste século, a Áustria podia ser qualificada como regime ditatorial clerical e fascista.

Outro acontecimento importante contribuiu para o fortalecimento internacional do nazismo. A 16 de Julho de 1936, o general Franco iniciou uma revolta militar contra o governo democrático espanhol, desencadeando a guerra civil. Neste conflito, a Itália e a Alemanha iriam ter um papel decisivo, prestando um enorme auxílio em aviões, tanques, armas e até efectivos militares. Ficou célebre a Legião Condor, unidade da Força Aérea alemã, que destruiu totalmente a cidade de Guernica. Em documentos nazis, são patentes os propósitos de Hitler em relação à Espanha: prolongar a guerra civil espanhola, com a intenção de puxar Mussolini para o seu lado, em virtude da oposição crescente deste contra a França e a Inglaterra. Enquanto a Itália e a Alemanha contruíam a vitória de Franco e consolidavam o seu entendimento, as democracias ocidentais mais uma vez abdicavam, aprovando a fórmula da não intervenção. Os seus esforços dirigiram-se então para conseguir de Hitler o respeito pela não intervenção; entretanto, Franco conquistou o poder e Mussolini aliou-se irremediavelmente a Hitler. Nascia assim o eixo Berlim-Roma, geralmente conhecido só por «Eixo».

As cedências das democracias burguesas não ficariam por aqui. A Áustria irá ser anexada e a Checoslováquia ocupada. Só a invasão da Polónia provocará a decisão de se oporem firmemente; mas com a nazismo fortalecido, o conflito que se seguiu assumiria proporções catastróficas.

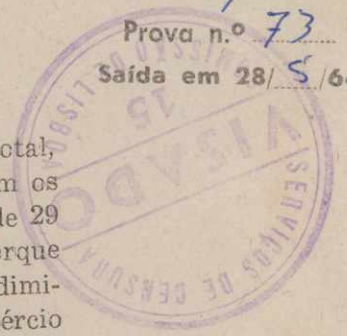
O ANSCHLUSS DA AUSTRIA

Na Wilhelmstrasse de Berlim, no princípio da noite de 5 de Novembro de 1937, reuniram-se com Hitler os principais chefes nazis. Estavam presentes o marechal von Blumberg, comandante supremo das forças armadas; o general von Fritsch, comandante do Exército; o almirante Raeder, comandante da Marinha; o general Goering, comandante da Força Aérea; e o barão von Neurath, Ministro do Estrangeiro. Nessa conferência Hitler anunciou que chegara a ocasião para a Alemanha de resolver o seu problema de espaço. Essa resolução consistia na conquista de territórios para leste; como objectivo expansionista que era, só podia ser executado

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

Cor de seu efeito a par lit de "En-...
..."



grande número de desempregados, que diminui o poder de compra total, a pobreza da Europa, que impede o desenvolvimento das trocas com os E.U.A.; 4) uma especulação desenfreada contribui para o «crash» de 29 de Outubro de 1929. Nesse dia venderam-se na bolsa de Nova Iorque 16,4 milhões de acções. A data marca o começo da crise: a procura diminui, a produção desce verticalmente, o desemprego cresce, o comércio externo quase desaparece. Em 1929, cinco biliões de importações; em 1932, respectivamente 1,6 e 1,3 biliões. Os empréstimos ao estrangeiro acabam (o que só vem agravar a crise), as barreiras alfandegárias proteccionistas aumentam, o que provoca represálias por parte dos países europeus.

Algumas estatísticas ilustram melhor a grande crise de 1929. Índice da produção industrial para 100 = 1929, 48,7 = 1932. Índice das cotações da bolsa para 100 = 1929, 24,4 = 1932. Emprego de mão-de-obra na indústria para 100 = 1929, 63 = 1932. Número de desempregados em 1933: 14 milhões. Produção de automóveis para 100 = 1929, 26 = 1932.

É este o estado — catastrófico — da economia dos Estados Unidos. Alguma coisa tem de mudar para que seja possível sobreviver: vai surgir o *New Deal*. Seria ridículo pretender reduzir a crise de 1929 a uma consequência da política isolacionista; as suas causas têm de ser procuradas na estrutura do sistema capitalista. No entanto, o capitalismo dominava a América desde tempos imemoriais sem que tivesse produzido uma crise de tamanha amplitude, e, assim, há que procurar essas causas nas condições particulares de que se reveste a organização capitalista americana nos anos vinte: o isolamento a que os Estados Unidos se votaram (isolamento sobretudo político, mas com incidências económicas) levou-os a descuidar a sorte da Europa e o empobrecimento desta virá privá-los dum «partenaire» indispensável ao seu crescimento económico (ninguém pode ser rico se não tiver outros ricos que lhes comprem os produtos).

No fim da segunda guerra mundial os Estados Unidos vão consagrar-se à reconstrução da Europa — é essa a função histórica do plano *Marschal*⁶, o que lhes fornece um cliente indispensável e lhes permite

⁶ Efectivamente, Marshal não era positivamente uma reencarnação de São Vicente de Paula: aliás, o próprio Marshal disse que «Não seria inteiramente exacto afirmar que os reforços dos E.U.A. para contribuir para a restauração da economia mundial foram motivados por considerações de caridade».

enveredar por uma decidida política imperialista. Trata-se do falhanço completo do isolacionismo (político e económico), a ponte entre o isolacionismo económico e o dirigismo que é próprio do estágio imperialista e monopolista de capitalismo foi (vide a teoria de Galbraith sobre o papel positivo dos monopólios) estabelecido pelo *New Deal*.

No plano interno, o *New Deal*, iniciado com a eleição em 1933 do presidente Roosevelt, vai traduzir-se por uma tentativa de economia dirigida. Em 1932, Roosevelt afirma «um recente e cuidadoso estudo sobre concentração da economia americana mostrou que a vida económica dos E.U.A. era dominada por 600 «corporations» (companhias), que controlam 2/3 da indústria americana: 10 milhões de pequenas empresas parti-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
GORTES

O TEMPO E O MODO — N.º 16

Provas remetidas à Censura

em 22/6/64

Prova n.º 75

Saída em 28/5/64

Nota da Redacção — A Redacção da Revista pediu a Jorge de Sena que abordasse, para este nosso número especial, o estudo da literatura europeia entre duas guerras, para o qual o seu nome estava natural e particularmente indicado.

Circunstâncias dolorosas levaram Jorge de Sena a enviar-nos apenas parte do artigo solicitado e impossibilitaram-lhe a realização da tarefa que lhe propusemos. Em face delas, em face da excepcional qualidade das páginas recebidas, resolveu a Redacção de O TEMPO E O MODO — e para tanto solicitou a autorização do Autor — manter a inserção desse texto, que constitui, assim, introdução a um estudo que confiamos poder ainda vir a publicar. Juntamos-lhe a carta que Jorge de Sena nos escreveu, e que dispensa quaisquer comentários.

É nossa convicção que todos os leitores de O TEMPO E O MODO compreenderão e aplaudirão a nossa atitude. Como o é que se associarão à justíssima homenagem que assim prestamos ao grande poeta português e ao seu modo de ser nesse e neste tempo brasileiro e português.

Araraquara, São Paulo, Brasil, 20 de Maio de 1964

Meu caro Amigo

Paracer-lhe-á incrível, e creia que o é da minha parte, que lhe escreva só agora, e para não lhe mandar o panorama que me pediu. Mas incrível é o tempo e o mundo em que vivemos. Esmagado de trabalho e de preocupações e tristezas, eu creio que estou susumbindo enfim — e não fui capaz, humanamente capaz, de escrever *agora* o que me pediu. Para que acredite na minha boa vontade, junto lhe remeto o que cheguei a escrever, dispendendo um enorme esforço de concentração. E, quando ia passar à consideração dos movimentos e das figuras de entre duas guerras, verifiquei que era impossível, apesar de todos os esforços, ter cabeça para realizar uma coisa que tanto me apaixonou e tanto gostaria de ter feito.

Não posso, e espero que compreenda, entrar em explicações. Estas, quando a gente as dá, ou são públicas, e não vão em carta, ou são privadas, e para quem as recebe. Mas garanto-lhe que estou exausto, literalmente exausto, disto... Creio que, apesar de tudo, o meu Amigo nem pode sonhar.

Se o meu trabalho e o meu cansaço se desanuviarem, é possível que eu possa retomar o artigo; mas, nessa altura, já o seu número especial saiu. Mas esteja certo de que o escreverei alguma vez, porque o meio-século hei-de historiá-lo: talvez zque ele seja visto, em melhor perspectiva, do México, do Chile, ou da Itália.

Para todos os amigos vão, e com um abraço para si, as melhores lembranças do sempre seu

JORGE DE SENA

SEMPRE DE CENSURA
(SEMPRE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 22/6/64

Prova n.º 77

Saída em 28/5/64

P. S. — Retive esta carta cinco dias, lutando com «o tempo e o modo». E não consegui organizar-me para concluir. Desculpe.

S vinte anos que decorrem desde o ano em que foi assinado o Tratado de Versailles, que conclui a Primeira Grande Guerra Mundial, até 1939, quando na Europa estalou a Segunda, são, por certo, dos mais complexos e decisivos períodos da História Universal, até porque foi durante eles que se forjaram as condições para que essa história fosse efectivamente universal, isto é, para que deixasse de ser apenas uma projecção universal da história «ocidental» e por vezes apenas europeia. Examinar a evolução da literatura nesse período que viu propagar-se pelo mundo a revolução cultural do modernismo estético, iniciada, pode dizer-se, nos primeiros anos do século XX, eis uma tarefa que, para ser levada a efeito com um mínimo de coerência, encontra dificuldades quase insuperáveis sem algumas soluções de compromisso. Porque, se esse período foi o da difusão e do triunfo crítico do modernismo, este modernismo é, mesmo em muitas das suas maiores figuras, anterior à Primeira Grande Guerra; e, se temos hoje uma perspectiva da «ocidentalização» total do mundo, seria necessário mostrar como o Oriente começou precisamente a transformar-se culturalmente durante esse período, para absorver as formas da cultura, depois de ter absorvido as formas da técnica ocidental ou elas lhe terem sido impostas. Nestas condições, haveria que começar a tratar do período, no tempo, desde o princípio do século; e que, no espaço, estender a observação e a análise a tão vastas unidades culturais, muito complexas, como os países maculmanos, a Índia, a China, e o Japão. Isto é, para um homem só, impossível, mesmo quando ele leu alguns árabes, um Tagore, ou um Lou-Sin. Mesmo nas literaturas europeias, países ou regiões linguísticas importantes como a Escandinávia, a Polónia, a Hungria, o sérvio ou o croata, a Roménia, a Bulgária, até a Grécia, não nos são acessíveis senão muito fragmentariamente, na medida em que apareceram nas outras regiões linguísticas mais dominantes. E, por muita tradução que se tenha lido, é também indirecto o conhecimento que se têm (ou o autor destas linhas tem) da literatura russa. Fazer, porém, um panorama só com a Península Ibérica, as Américas das três línguas suas maiores, a Inglaterra (com Irlanda), a França (com Bélgica e com Suíça francesa), a Alemanha (com Áustria e alguma Boémia e a Suíça alemã), e a Itália, acrescentando-lhes alguma Rússia e um quanto de Escandinávia, é continuar a ter ou a implicitamente impôr uma falsa visão da cultura ocidental, quando esta tenderá a ser cada vez mais uma cultura universal, por sobre as diferenciações regionais de milenárias culturas, mais ilustres que esta nossa tão cheia de pretensões que escondem tanta iniquidade. O leitor que reflecta, para desculpa dos erros e das lacunas, que uma visão sincrónica de todas as literaturas europeias e americanas, ainda que ; escala de um estudo introdutório, é empresa que nunca foi tentada e não tem, portanto, pontos de apoio bibliográficos para estabelecer-se. Demasiado a França ou a Inglaterra nos têm

SECRETARIA DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 22/6/64

Prova n.º 78

Série em 23/6/64

imposto às vezes as suas visões, em que não entram literaturas
peias como as ibéricas, ou americanas como as da América Latina.
E note-se que não há sequer um estudo sincrónico do modernismo luso-
-brasileiro Mas crê o autor que são estas as vantagens de ser-se por-
tuguês. Não pode ter a nossa cultura a vaidade absorvente das grandes
culturas europeias que, quando falam das outras, falam só da sua pro-
jeção nelas. Não pode, por outro lado, com um mundo como o Brasil,
a cultura portuguesa, filha da primeira nação da Europa a fixar as suas
fronteiras, e exprimindo-se numa língua que, dentro em pouco, será a
quinta língua do mundo, senão a quarta (depois do chinês, do inglês e do
russo, ultrapassando o espanhol), continuar a ter de si mesma a modéstia
envergonhada a que a conduziram os imperialismos das grandes culturas
europeias. E, portanto, um português curioso do fenómeno literário e
de humanidade está em condições de melhor ver, ainda que com erros
e lacunas, aquilo que dificilmente um inglês ou um francês verá. Nem
mesmo a Espanha, com a América espanhola, está em idênticas condi-
ções, porque ainda muito voltada sobre si mesma, artificialmente vivendo
em tempo de Filipe II. E outros países da Europa, que conosco partilham
a desprezada pequenez, não têm também do mundo a perspectiva que,
não direi que se vê do Chiado (menor que qualquer Hungria), mas se vê
de uma generosidade que ao Chiado falte.

Como é sabido, a Primeira Grande Guerra foi lutada para acaba-
rem-se com as grandes guerras de uma vez, e, por isso mesmo, houve
o cuidado de, em Versailles, criar as condições locais para o prossequi-
mento, localizado apenas, de uma tão rendosa indústria. Os vencedores
da Primeira Grande Guerra, de que emergiram os Estados Unidos da
América do Norte, como primeira potência, repartiram o mundo a seu
talante, ou pelo menos aquele de que podiam dispor na derrocada dos
chamados Impérios Centrais (a Alemanha, a Áustria-Hungria, a Turquia)
e também do Império Russo que deixava de ser, no Extremo-Oriente, um
concorrente incómodo. E tudo fizeram, depois, nas suas rivalidades impe-
riais, para lançar o mundo na mais terrífica recatombe da sua História
— e esta, se for a última, é porque foi tão difícil ganhá-la, que, para isso,
houve que criar meios de destruição, que, desenvolvidos, são dotados
de um salutar poder: o de não haver garantia nenhuma de, no uso deles,
escaparem aqueles mesmos para quem a guerra é uma diversão de gabi-
nete ou um lucro bancário. Esperemos que, em 1998, ou depois, não seja
possível escrever-se um panorama como este, não porque não haja sobrado
quem o faça, mas porque não tenha havido a Terceira Guerra Mundial
que o justificaria.

Se a cultura euro-americana apresenta, no período de entre duas
guerras, uma nítida unidade, isto não deve iludir-nos sobre duas coisas:
que essa unidade se deve sobretudo à rapidez moderna dos meios de comu-
nicção, e que ela não encobre ou não se organiza em função de profundas
assincronias sócio-políticas. Estas, porém, nem sempre são as que pare-
cem evidentes. Sem dúvida que um dos factores decisivos da cultura
euro-americana, neste período, foi a eclosão e a consolidação da Revo-

SECRETARIAS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 22/6/64

Prova n.º 79

Saída em 28/5/64



lução Russa de 1917, do mesmo modo que o triunfo da Revolução Chinesa é o factor decisivo que emergiu da Segunda Guerra Mundial (e por isso é tão prudente não se fazer uma terceira, ou outra dessas revoluções triunfa em alguma parte...). Com efeito, a Rússia fez, em 1917, não a revolução que os outros países da Europa ainda não fizeram, mas a que não tinha sido possível que fizessem de 1848 a 1917, e que é impossível que façam depois disso, pelo menos em idênticos termos. E isto não significa que a Rússia estava mais adiantada do que eles; mas sim que o não estava, e não ingressara ainda, plenamente, na comunidade europeia a que pertencia, desde que, no século VIII, Kiev é, como a Irlanda no polo oposto, um dos centros de que surgirá a Europa. Do mesmo modo, e contemporaneamente, o México fez, em dolorosas circunstâncias, a experiência de uma vasta revolução americana que modernizou o país nas suas estruturas; mas esta revolução tão caudilhesca foi a criação de uma burguesia que não existia ainda, e equipara-se pois às revoluções europeias do século XIV. Quanto à rapidez de propagação das ideias no nosso século, é preciso ter presente que as comunicações rápidas generalizadas, quer de transporte, quer de comunicação electrónica, datam precisamente do fim do período que nos ocupa; e que, portanto, as ideias não caminharam materialmente mais depressa, nele, do que vinham fazendo desde o último quartel do século XIX, em que, do mesmo modo, viajam de comboio ou de paquete, já que o telégrafo não servia e não serve para transmitir mais que telegramas. Por outro lado, qualquer observação da propagação das ideias na Idade-Média ou no Renascimento (para não descermos a épocas mais recentes e ficarmos só nas que nos parecem muito lentas) mostra que elas se difundiam com uma rapidez de fazer inveja, muitas vezes, ao nosso século, porque o mundo possuía não só uma língua internacional da cultura, mas não tinha das culturas nacionais a consciência exclusivista implantada pelo tão universal Romantismo, para erguer barreiras à curiosidade, ao entendimento, e à absorção. Em particular nas artes, a lentidão com que as formas da arte modernista penetraram, e ainda penetram, nos poderes públicos não tem comparação com o que sucedeu com as grandes igrejas romano-góticas ou as catedrais góticas na Idade-Média (ou com os romances de cavalaria do ciclo bretão e do carolíngio), ou com o interesse estético pelos clássicos e pelo Evangelho, que caracterizou o Renascimento. A unidade e a diversidade das artes, e da literatura sobretudo, no período que nos ocupa, encontraram, de um modo geral, uma hostilidade generalizada pela frente, por toda a parte. E isto porque o mundo de entre duas guerras foi o do triunfo oficial de bligarquias que não estavam aristocratizadas, nem em condições de aristocratizarem-se pela distância que o poder político moderno, nas estruturas actuais, cria entre os dirigentes e o novo. Se sempre a arte foi criada ou foi paga de cima, foi-o por aristocracias que, como aristocracias que eram, se permitiam o luxo de pagar para ver. Se entre duas guerras mundiais, e surdamente ainda hoje um pouco por toda a parte, é o contrário que sucede, eis o que é o resultado de triunfarem ou estarem-se preparando para triunfar classes que, no exercício da democracia liberal, tinham transformado os interesses de classe em interesses

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

nacionais, e não estavam, portanto, em condições de reconhecer e aceitar uma nova universalidade das artes e das culturas, quando o domínio de classe, instituído por elas, assentava precisamente na «taylorização» nacional das culturas. E, é claro, neste jogo de forças, não são as novas oligarquias ditas proletárias que estão em situação de transformar esse estado de coisas, visto que elas competem com aquelas na criação e estabelecimento de novas estruturas burguesas, para as quais a liberdade da criação artística foi sempre um grave sintoma de cepticismo político-social.

O mundo que saiu do Tratado de Versailles caracterizou-se por uma imensa frustração política. Não era a primeira vez que isso sucedia desde a Revolução Francesa. Para os liberais que a saudaram, o radicalismo dela e depois o cesarismo napoleónico haviam sido uma enorme desilusão que se reflectiu na evolução do Romantismo. A queda de Napoleão, o Congresso de Viena, e a Santa Aliança foram outra. E do fracasso geral das revoluções liberais de 1848 o Romantismo não resistiu, entregando-se ao conformismo político do seu realismo crítico. A catástrofe da Comuna de Paris selou a «mauvaise conscience» de liberais e de socialistas moderados que todos intervieram ou contestaram a ocupação da África, o imperialismo económico na América Latina, e o assalto colectivo à China, nos fins do século XIX. Foi na prosperidade resultante disto que se desenvolveu a crise estética do fim do século: naturalismo, simbolismo, esteticismo, materialismo científico, contraditoriamente se cindiram de uma sociedade de que eram os mais naturais dos frutos. Mas frutos que, pela complexidade das relações económico-sociais, e pela gigantesca multiplicação da humanidade (urbana nos países desenvolvidos, e agrária nos subdesenvolvidos), estavam nascendo em ramos muito altos que eram dissidências das próprias classes dirigentes. A Belle Époque, que foi a da expansão económica do Ocidente europeu e da América do Norte, acompanhados pelos elementos seus intermediários comerciais da América Latina ou do Próximo Oriente, exigia, para prolongar-se e estender-se, uma modificação das estruturas dos Impérios Centrais, e estes, por sua vez, a concorrência os sustava no seu desenvolvimento que se apresentava como perigoso concorrente do imperialismo francês e inglês. A hesitante política italiana às vésperas da crise de 1914, entre os dois blocos, reflectia estas mesmas contradições, sendo a Itália, como é, o pilar geo-político do equilíbrio mediterrânico. E não sem razão foi a questão balcânica o que desencadeou a guerra de 1914-18. A paz despedaçou o império austriaco e o império turco, e as orlas marítimas do império russo. Já com o império alemão vencido, a posição dos vencedores era mais complexa. Porque, despedaçadas as estruturas imperiais, como convinha à política das nacionalidades (em que as potências concentrariam as suas rivalidades económicas), a Alemanha era a única grande unidade que podia ser oposta à expansão da revolução russa, cuja eclosão ambìguamente todos haviam desejado, para redução política da Rússia, ou, para os impérios centrais, como possibilidade de conduzirem a guerra numa única frente. Por isso se criaram os Estados bálticos, se favoreceu o expansionismo polaco e o romeno, se separou a Ucrânia com tropas alemãs não-desmobili-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 22/6/64

Prova n.º 81

Saída em 28/5/64

zadas, e se permitiu a ocupação do Extremo-Oriente pelo Japão. Por outro lado, a eliminação da Turquia como potência, e da Alemanha como concorrente oriental, permitiam a ocupação efectiva, político-económica, do Próximo-Oriente, cujo petróleo era essencial à manutenção dos grandes vitoriosos. E, em África, as concessões que as potências ocidentais haviam feito à Alemanha foram eliminadas e redistribuídas. Na América Latina, os interesses europeus iam sendo progressivamente substituídos pelos porte-americanos que começavam a controlar não só o comércio mas a própria produção de matérias-primas ou energéticas, desviando o comércio para a exportação de produtos alimentares não-essenciais, cujos preços ofereciam melhor possibilidade de pressão política no mercado internacional.

Assim, a cultura europeia de Entre-Duas-Guerras, como as americanas, reflectiu a frustração em que falámos, na qual vinha imiscuir-se a gratuita revolta anti-burguesa, mas aristocratizante, que surgira no «Fin de Siècle». Mas essa frustração, porque era complexamente político-social, sem relação directa (pelas classes intermediárias, ou os elementos marginais delas, em que aparecia) com a real situação económico-política, não podia senão manifestar-se em termos de afirmação individualística, em parte herdados do Romantismo, mas, no fundo, extremamente diversos da deste. Foi esta uma das grandes contradições internas do Modernismo, e é uma das fontes da tão grande incompreensão dos críticos pequeno-burgueses, quando insistem em vê-lo como um prolongamento final da crise romântica, que ele só é pelos elementos espúrios que, do Romantismo, e por analogia social, vieram subsistir nele. O individualismo romântico havia sido a proclamação da superioridade do indivíduo sobre uma sociedade que queria a uniformização civilizada necessária à comunidade de interesses requerida pela grande indústria internacional. O individualismo modernista — e por isso ele se aplicou sobretudo à criação de formas e expressões agressivas, quando a agressividade do outro tinha-se concentrado sobretudo na liberalística atomização das sociedades estáveis do século XVIII (que, paradoxalmente, importava ao imperialismo liberal, como criação de massas e não de classes consumidoras) — reflectiu muito diversamente a frustração do seu tempo. No Romantismo, e pelo jogo da representatividade política, o indivíduo tinha a ilusão de influir nos destinos da sociedade. No Modernismo, esse indivíduo viu que não tinha, como tal, qualquer poder para influir nas concentrações capitalistas que regiam, por traz da representatividade democrática, os destinos do mundo. O romântico, embora sarcásticamente, queria ser compreendido, e não estava tão separado das classes dirigentes que não soubesse que elas, mesmo a contra-gosto, o entendiam perfeitamente, apesar de e com todos os equívocos. Os esteticismos e os naturalismos do fim do século haviam representado a última fase deste processo, pela qual os artistas procuravam sapor, no plano moral, a respeitabilidade social com que a civilização euro-americana encobria a sua «mauvaise conscience». Mas estes individualismos não era já possíveis, nestes ou naqueles termos, depois da hecatombe de 1914-18, quando tudo se restabelecia como um gigantesco e complexo império ocidental, e por toda



SERVIÇOS DE CENSURA
(6406)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 22/6/64

Prova n.º 82

Saída em 28/5/64



a parte os pequenos povos pagavam, com pequenas guerras e pequenas revoluções (pequenas por serem conduzidas disfarçadamente), as divergências grupais dessa complexidade que lhes era imposta. Mas, em sociedades que o liberalismo tornara, nas suas formas de expressão cultural, individualistas, não era possível, no contexto burguês dessa expressão, senão um expressionismo formal, pelo qual, do mesmo passo, o individualismo continuava a afirmar-se, e abandonava a sua confiança em si mesmo. Mas o optimismo iconoclástico das primeiras experiências modernistas (que ainda continham o indiferentismo aristocratizante e anti-burguês — e por isso, às vezes, socializante — da Belle-Époque) havia-se perdido e estava-se perdendo mais radicalmente: e o humor de muitas delas tornou-se, como sucedera com o Segundo Romantismo, uma ironia, um sarcasmo, ou um confinamento na dramatização analítica da consciência solitária, enquanto os desafios formais se intensificavam a ponto de procurarem reformar inteiramente as bases da expressão artística, pondo em causa a própria legitimidade dela. Deste modo, o período entre as duas Grandes Guerras Mundiais conheceu simultaneamente um introversão academizante das experiências modernistas, e uma extroversão violenta delas, uma e outra sintomáticas e de uma situação civilizacional que confinara a criação artística como uma actividade inútil, apenas interessante para aqueles mesmos que a praticavam.

Isto nos permite compreender como o modernismo, em muitos dos seus aspectos, se politizou tão contralitoriamente, antes de a ascensão das ditaduras de Mussolini, Hitler e Staline, lhe lançar um desafio terrífico, a que, em muitas circunstâncias não soube ou não pôde responder, mergulhando, nos anos 40, numa resignação que, para muitos dos grandes modernistas, foi uma demissão e um fim de época. Para outros, porém, a guerra de 1939-45 foi o pretexto que os retirou do confinamento estético-político em que se iam estiolando: a este respeito é típico o caso de Curzio Malaparte. O mesmo sucedera no após-guerra de 1918, com muitos nomes que vieram a ser as grandes glórias do século, e que provinham dos movimentos do fim de Oitocentos, ou se desenvolveram deles. Mas é muito curioso o que a este respeito se passou, e diferentemente, nos dois após-guerras. A Primeira Guerra havia sido saudada com grandes clamores bélicos pela intelectualidade de todos os países, e o surto dela, e a sua conclusão, produziram uma enorme massa de literatura pacifista ou, pelo menos, de detracção da recatombes que não havia sido o passeio militar do costume, com batalhas pomposas e espectaculares, mas um massacre imundo e ignominioso. Na Segunda Guerra, a situação foi praticamente a inversa: não foi saudada com entusiasmo, mas aceite como um mal necessário à implantação da democracia definitiva... E, se produziu também algumas obras mestras de agónica repulsa, elas integravam-se num horror mais vasto: não era apenas a guerra que estava em causa, mas os meios medonhos de matar e de destruir, e um medo pânico das capacidades pavorosas da maldade humana, quando servida pelos recursos da civilização. Tão pânico, que os povos se submetem à maldade, para que a dita cuja não prevaleça... De modo que, no fim da Primeira Guerra, as possibilidades de expansão criadora foram imensamente mais amplas do que as do fim da Segunda. Apesar de tudo, as opções, nos anos 20, não eram ainda decisivamente políticas. Nos anos 50 passou a não haver de outras. Por isso, o futurismo pôde aderir ao fascismo italiano e à revolução russa. Actualmente, nenhuma política requer a adesão de nenhuma arte, mas sim que ela se abstenha ou colabore segundo as directivas oficiais.

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

que tornam a condição dos judeus ainda mais dramática, não tardará a primeira vaga de perseguições que teve lugar em 1933. A pretexto de que os emigrados judeus fomentavam no estrangeiro o descrédito do regime nazi, foi ordenado um boicote aos comerciantes, médicos e advogados de raça judaica. O frenético anti-semita Jules Streicher foi encarregado por Hitler de executar a operação; assim, no dia 1 de Abril, os S. A. invadiram as lojas dos judeus, pilhando-as e deixando cartazes com dizeres deste tipo: «Loja judaica — Alemães, não comprem aqui». A este boicote seguem-se as primeiras prisões.

Um ano mais tarde, um grupo de judeus é assassinado numa aldeia da Silésia por um destacamento dos S. S., apenas para gaudío destes. Mas, o ditador considera este tipo de actuação prematuro e, aproveitando-se da onda de indignação que ele causara, manda assassinar com a maior tranquilidade o responsável pelo massacre, Roehm, que, entretanto, já tinha caído em desgraça.

A segunda vaga de perseguições acompanha a entrada em vigor das leis de Nuremberga; na sua aplicação foi-se ao exagero de considerar «não ariano» todo aquele que tivesse, pelo menos, um judeu como avô. Por outro lado, o acesso dos judeus aos lugares públicos (jardins, teatros, piscinas, etc.) é rigorosamente proibido. Para finalizar, as relações íntimas entre judeus e arianos — denominadas crimes de «profanação racial» — passam a ser sancionadas com a pena de trabalhos forçados em campos de concentração. No entanto, até 1938, a política semita foi, sobretudo, a do fomento da sua emigração, tendo sido mesmo constituído um fundo comum de emigração: os judeus que abandonassem o país eram somente obrigados a deixar na Alemanha parte da sua fortuna.

Depois do acordo de Munique e da renúncia alemã em conferenciar com a Comissão de Evian, suscitada por Roosevelt para regular a questão dos judeus alemães, inicia-se uma ~~terceira~~ perseguição, que iria marcar o momento de transição entre uma política de tolerância hostil e uma outra de eliminação sistemática. Veio a ser conhecida pelo poético nome de «noite de cristal do Reich», mas na realidade durou uma semana.

Desta vez serviu de pretexto o assassinio em Paris de um diplomata alemão, von Rath, por um jovem judeu, Grünspan. O ~~balanço dessa semana trágica regista:~~

- 1 — o incêndio de centenas de sinagogas;
- 2 — o assalto e o fecho de 7500 lojas judaicas;
- 3 — a detenção de 20 000 judeus e o envio de 10 000 para o campo de concentração de Büchenwald;
- 4 — o pagamento pela comunidade judaica de um milhão de marcos de indemnização ao III Reich.

Nesse mesmo ano de 1938, Heydrich, braço direito de Himmler, deporta para a Polónia 17 000 judeus polacos que se tinham estabelecido na Alemanha.

A partir de então todo o judeu é obrigado a usar a estrela amarela e é-lhe negada a faculdade de sair do território alemão. A última porta da salvação fechava-se para sempre.

À medida que a guerra se avizinha, a política anti-semita intensifica-se, caminha para o horror.

A guerra, e sobretudo os sucessos iniciais, deram ao regime nazi a coragem e a oportunidade de pôr em prática a «solução final do problema

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



judaico», ou seja, o definitivo aniquilamento dos judeus de todo o mundo. A necessidade de destruição tornava-se cada dia mais patente e iria, para o futuro, distinguir a ditadura de Hitler de todas as outras formas de governo, ditatoriais ou não.

A CIÊNCIA

A terminar, e apenas como nota e por precaução, sublinhe-se que as teorias racistas não têm fundamento científico de qualquer ordem. Existem, na verdade, grupos definidos biologicamente pela predominância de certos factores genéticos. Admite-se, assim, a existência de cinco raças: europeia ou caucasiana, africana ou negroide, ameríndia, asiática ou mongólica e australóide. Alguns cientistas admitem também a divisão em várias espécies, o que não é de nenhum modo pacífico.

Sublinhe-se, primeiro, que nunca os biólogos mencionaram a «raça» ariana, que tão grande lugar ocupa nas teorias racistas, nem, claro, a «raça» judia. Pelo contrário, os caracteres dos judeus variam mais de país para país do que de judeus para não-judeus.

Quanto à questão da inferioridade de certas raças e superioridade de outras, nada se provou. As diferenças constatáveis referem-se apenas à biologia, isto é, à pigmentação da pele, cor dos cabelos e dos olhos, altura, forma do crânio e grupo sanguíneo. Não se adiantaram provas concludentes, apesar de meticolosas tentativas, que viessem elucidar sobre privilégios naturais de determinada etnia. O atraso no desenvolvimento e comportamento de conjuntos humanos resulta de condições materiais e sociológicas e somente delas. «Os traços de carácter que se censuram aos pretos hoje, por exemplo, coincidem exactamente com os que se censuravam cinquenta anos atrás aos proletários da Europa» (Maurice Duverger).

O racismo não passa de um instrumento de justificação de objectivos diversos.

JOSÉ MANUEL NETO RODRIGUES

¹ Xerxes.

² Histoire du Judaïsme — André Chouraqui — Que sais-je?, pág. 5.

³ Ao casamento de D. Manuel com a infanta Isabel foi posta pelo rei de Castela, instigado por Torquemada, a condição de que os judeus estabelecidos em Portugal seriam expulsos. Consciente do desastre económico que tal medida significaria, procurou D. Manuel resolver o problema judaico pelo baptismo. Surgiram os «cristãos novos», cuja situação anómala se prolongou até aos tempos do Marquês de Pombal.

⁴ Termo grego designando a dispersão dos judeus pelos países do mundo em que fundaram comunidades.

⁵ Em Portugal, a legislação contra os judeus só foi abolida pela Constituinte de 1821.

⁶ A expressão anti-semitismo foi posta em voga pelo jornalista alemão Wilhelm Marr, 1879.

⁷ «Hitler, A study in tyranny», Allan Bullock, pág. 382.

⁸ Seguiu-se de perto nesta parte («...E o anti-semitismo como doutrina») o capítulo *Les théories racistes*, de «Introduction à la Politique», Maurice Auberger, págs. 41-47.

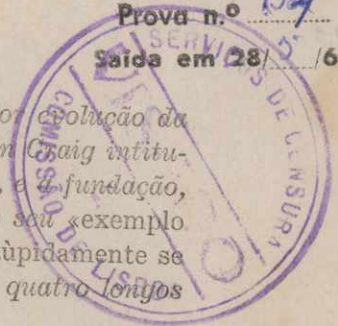
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE

Provas remetidas à Censura

em 28-6/64

Prova n.º 134

Saída em 28/5/64



tecimentos de uma extraordinária relevância para a ulterior evolução da arte dramática: a publicação, em 1905, do ensaio de Gordon Craig intitulado, precisamente, A Arte do Teatro (reeditado em 1911), e a fundação, em 1913, do «Vieux-Colombier» de Jacques Copeau, com o seu exemplo da pobreza atirada em desafio à face de um mundo que estúpida e se julgava dominado pela lei do dinheiro»¹ — e que, durante quatro longos

¹ Jean-Richard Bloch, *Destin du Théâtre* (1930), p. 46.

anos, se encharcava no sangue de uma guerra gerada pelas suas próprias contradições.

II

Quando, em Novembro de 1918, o armistício foi assinado, o mundo que sobrevivera a esses quatro anos de massacre sistemático teve dificuldade em reconhecer o seu próprio corpo que as cicatrizes retalhavam, o rosto desfigurado que lhe devolviam os espelhos. E de entre as ruínas, de entre o sangue derramado, de entre os cadáveres amontoados, uma pergunta subiu, avolumou-se e angustiadamente ficou a latejar, como uma ferida que se não fecha, um remorso que se não suporta: Para quê tudo isto? Para quê? Pergunta a que logo outra, mais instante, mais crucial, se veio unir: Como evitar que este horror sem nome se repita?

~~Desde 1918, a humanidade na Conferência de Versalhes, a Conferência de Zimmerwald, depois de quatro anos de guerra, milhões de homens mortos, milhões de soldados e milhares de civis arrastados para a guerra, a paz e a libertação das povos. Um ano antes, em Zurique, um poeta romeno de vinte anos, Tristan Tzara, soltara o primeiro grito de revolta — absoluta, intransigente, desgrenhada: DADA. Ferozmente votada à «destruição necessária» que já Rimbaud preconizara, e que no sector do teatro Alfred Jarry fora o primeiro a fomentar com a genial antecipação do seu Rei Ubu, o dadaísmo procurava dinamitar, de uma vez para sempre, as ponte carriadas que mantinham a ligação com um passado inautêntico, inaproveitável. Não há piedade nisso, não há esperança na humanidade purificada.»~~

Instalando deliberadamente o escândalo e a provocação no seio da sociedade burguesa, — respaldada na sua estrutura, —

~~— DADA estava, afinal, contestando a própria estrutura, os próprios fundamentos dessa sociedade. Mas o seu contributo para a grande revolução teatral do século XX, reduzido a alguns textos de Ribemont-Dessaignes (O Imperador da China, 1916; o canário mudo, 1920), do poeta americano e.e.cummings (ele, 1928) e do próprio Tzara (O coração a gás, 1921; Lenço de nuvens, 1924), não logrou transpor a fronteira da literatura, cujos limites respeitou. Já o mesmo não poderá dizer-se inteiramente do surrealismo, em que desembocou a negação dadaísta: anunciado~~

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES



morto, do escultor Ernst Barlach e O mendigo, de Reinhard Sorge (1912). Nelas se perfilam já os temas essenciais do teatro expressionista: uma exacerbada mitologia do sexo (que fora dominante em Strindberg), a revolta anárquica mas de antemão condenada a frustrar-se do poeta contra um mundo mecanizado que se recusava a ouvir a sua voz, a oposição entre a geração responsável pela guerra e a que dela foi vítima. Este último tema fecundaria os dramas de Walter Hasenclever (O Filho, 1916) e Arnoult Bronnen (Parricídio, 1922), enquanto os dois primeiros, entrelaçados, explodem ferozmente na primeira composição teatral de um jovem autor que viria a ser o mais importante dramaturgo deste século: Baal, de Bertolt Brecht, escrita em 1918 e estreada cinco anos depois. Mas a obra de Brecht representa uma transcensão do expressionismo, cujo utópico e abstracto humanitarismo (que nos dramas de Ernst Toller, Georg Kaiser, Fritz von Unruh, Franz Werfel, se exprimiu em acentos de espasmódica exaltação)

Duas peças de Ernst Toller — Hinkemann (1923) e Hopla! estamos vivos (1927) — ilustram exemplarmente a parábola expressionista: a metáfora de uma Alemanha mutilada pela guerra tem o seu lógico remate no suicídio do homem de acção que debalde lutara «por um mundo em que todas as crianças pudessem viver felizes, livres da ameaça da guerra».

Protesto alucinado contra a inútil crueldade da guerra e contra a deshumanização crescente de um mundo dominado pela máquina, o expressionismo transpôs a fronteira germânica e impôs-se noutros países: na Checoslováquia com Karel Capek (cuja Manufactura Universal de Autómatos, de 1921, é, com a trilogia Gás, de Georg Kaiser, 1917-20, e Homem-Massa, de Toller, 1921, uma das obras mais características do movimento), na Suécia com Paër Lagerkvist, na Áustria com Franz Werfel, na Bélgica com Michel de Ghelderode, na Inglaterra com as fábulas em verso de W. H. Auden e Christopher Isherwood, na Irlanda com Denis Johnston e Sean O'Casey. A sua influência estendeu-se à Península Ibérica, onde serviu a Alfredo Cortez para desenhar uma «caricatura da época mundial que atravessamos» (Gladiadores, 1934) e teve um equivalente na «estética sistematicamente deformada» de Ramon del Valle-Inclan, que une a violência barroca a uma distanciação narrativa prenunciadora do drama épico brechtiano (Divinas Palavras, 1920; Luzes de Boémia, 1924). É ainda ao expressionismo que se ligam as origens do teatro norte-americano, como expressão autóctone e diferenciada, pois que até então vivera na dependência de alheias dramaturgias. Após o realismo nimbado de um halo poético das «sete peças do mar», estreadas entre 1916 e 18, reunidas em volume um ano depois, Eugene O'Neill escreve sucessivamente O Imperador Jones (1920), O macaco peludo (1922) e Todos os filhos de Deus têm asas (1924), utilizando o molde expressionista para traduzir cênicamente uma problemática especificamente nacional, mas que até essa data se mantivera afastada dos palcos do seu país. Nesse caminho o seguiriam um Elmer Rice (A máquina de calcular, 1923), um John Howard Lawson (Processional, 1925), um John Dos Passos (A lua é um gong, 1926) e na década seguinte um Paul Green (Johny Johnson, 1936), um Irwin Shaw (Enterrar os mortos, 1936), uns e outros alternando os dramas de esquema realista com os de factura expressionista.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)

AUTORIZADO
COM CORTES

MUNDO DO TRABALHO, 1900-1939

EM 1963 escreveu João XXIII na encíclica «Pacem in terris»: «Três fenómenos caracterizam a nossa época. Primeiramente, a gradual ascensão económico-social das classes trabalhadoras. Partindo da reivindicação dos seus direitos, especialmente de natureza económico-social, avançaram em seguida os trabalhadores para as reivindicações políticas e, finalmente, empenharam-se na conquista de bens culturais. Hoje, em toda a parte, os trabalhadores exigem arduamente não serem tratados como simples coisas, sem entendimento nem liberdade, à mercê do arbítrio alheio, mas como pessoas em todos os sectores da vida social, tanto no sector económico-social como no da política e da cultura...».

Se o problema das classes trabalhadoras é ainda questão em aberto, um importante passo em frente foi dado: os próprios componentes daquelas estão conscientes dos seus direitos e do dever moral e necessidade prática de lutar pela sua efectiva realização¹; encontram ainda noutros

¹ «Pois, quando numa pessoa surge a consciência dos próprios direitos, nela nascerá forçosamente a consciência do dever: no titular de direitos, o dever de reclamar esses direitos, como expressão da sua dignidade; nos demais, o dever de reconhecer e respeitar tais direitos» («Pacem in Terris».)

meios sociais, embora com grandes diferenças consoante os países, uma maior receptividade.

Mas, este passo em frente, em qualquer dos seus aspectos, se em alguns casos é ainda muito tímido, não se deu, sobretudo, em lado algum sem grandes sacrifícios e perseverante esforço. O desenvolvimento acidentado dos movimentos operários ao longo dos movimentos operários ao longo dos tempos são disso o mais claro e sugestivo testemunho.

I

Nos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX assistira-se à expansão colonial das grandes potências relacionada com o desenvolvimento do grande capitalismo económico e financeiro e correlativa necessidade de novas fontes de matéria-prima e novos mercados. Paralelamente, no mundo do trabalho, verificara-se em alguns países, sobretudo nos mais industrializados, um mais sólido assentar de alicerces dos movimentos sindicais. Por volta de 1890 e novamente a partir de 1910, especialmente em Inglaterra, país com maiores tradições sindicais, desenhou-se uma luta decidida das classes trabalhadoras em defesa de melhores condições de trabalho e alojamento e de salários decentes, pois estes, sendo já de si baixos, em pior posição tinham ficado em face do aumento crescente do custo da vida. O desespero dum mundo onde a grande maioria dos homens «era já muito velha aos quarenta anos» agitava inegavelmente as classes trabalhadoras e, por outro lado, exigia uma esperança e uma acção em direcção a um mundo novo e diferente.

Os sindicatos, respectivas federações e uniões, tinham-se espalhado largamente na Europa e nos Estados Unidos da América e começavam a



SERVIÇOS DE CENSURA
 RECEBI
 CORTADO



despontar noutros pontos do globo. Cooperativas, partidos operários, associações culturais e de socorros mútuos, igualmente surgiam, traduzindo um acordar mais intenso, e generalizado de vastas camadas sociais.

Três países tinham então, nas vésperas da Grande Guerra, papel primacial neste domínio, correspondendo-lhes de certo modo três concepções sindicais distintas. Em Inglaterra, onde já um século antes tinham surgido as primeiras cooperativas de massa da classe operária (a National Charter Association), contavam-se algumas centenas de sindicatos (incluindo alguns grandes sindicatos de indústria) legalmente admitidos e com mais de um milhão de aderentes. As Trade Unions agiam cada vez mais sobre o Parlamento para obter reformas da legislação social; o Congresso das Trade Unions decide mesmo orientar-se para a acção política, e em 1906 surge o Partido Trabalhista, com intenção de constituir a expressão política do movimento sindical, particularmente no Parlamento, e que agrupava para esse efeito, e sem prejuízo de vida própria e autónoma, os sindicatos e vários agrupamentos políticos relacionados com as classes trabalhadoras.

Na Alemanha existiam sindicatos de tendência liberal, sindicatos cristãos e sindicatos socialistas, sendo estes últimos os que agrupavam um número muito maior de membros e cuja doutrina fora definida no Congresso de Gotha, em 1875, através dos seguintes princípios: 1) dever de se manter a política afastada dos sindicatos; 2) obrigação moral para os trabalhadores de se filiarem no partido socialista, só ao qual incumbiria a acção de transformação das circunstâncias políticas, económicas e sociais. Entretanto, reforçara-se a centralização administrativa, generalizara-se o recurso a convenções colectivas e diminuira muito o número de greves.

Em França, onde a Confederação Geral do Trabalho se fundara em 1895, predominava concepção muito diversa da alemã, e que estava consagrada na Carta de Amiens, de 1906. Segundo esta, o movimento sindical, embora lhe coubesse esforçar-se por melhorar a condição operária, devia também agir no sentido de alcançar a emancipação integral dos trabalhadores. Tal tarefa caberia portanto aos próprios sindicatos que a viriam a realizar por meio da greve geral. Afirmava-se que «o sindicato, hoje grupo de resistência, será no futuro o grupo de produção e repartição, base da reorganização social». As diversas opções políticas, filosóficas e religiosas não deviam contudo ser introduzidas no sindicato, embora pudessem ser actuadas à margem deste.

Estes os três sistemas principais que se reflectiam depois nos outros países podendo coexistir todavia mais do que um em cada país (assim em Espanha onde se formou em 1899 a U. G. T., de inspiração socialista, e em 1909 também a C. N. T. de tendência anarquista).

Para qualquer destes tipos de movimento a ameaça da deflagração da guerra traz em 1914 graves problemas, consequência dos problemas de consciência dos próprios membros. De facto, em todos eles se defendia uma posição pacifista, considerando as graves calamidades trazidas pela guerra e que os trabalhadores seriam nesta os mais atingidos. Além disso, toda uma árvore de esperança era abanada pela própria raiz, os malefícios

SERVIÇOS DE CENSURA
ESTADO
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 2/7/64

Prova n.º 157

Saída em 28/5/64

derivados da expansão e competição das grandes potências tomavam o seu mais duro aspecto.

Surgem assim várias declarações e manifestos em defesa da paz e apelando os trabalhadores a uma acção com esse fim. Porém, com o efectivo começo da guerra, as circunstâncias revestem nova faceta, conjugando-se a hesitação de muitos dirigentes sindicais com a «terrível sedução» exercida pela guerra, sobretudo sobre a juventude, em contraste com «a monotonia da vida da classe operária», nas expressões de William Gallacher. E assim, em qualquer dos países referidos, os sindicatos integram-se no esforço geral de guerra conseguindo, entretanto, dos poderes públicos a participação representativa em variados organismos e a criação de delegados do pessoal nas empresas ou de comissões de empresa. Com a continuação, a guerra cria todavia difíceis condições de vida, através da alta constante dos preços e da escassez dos géneros, bem como vai originando uma situação psicológica generalizada de cansaço e desgaste. Uma conferência internacional anti-belicista reuniu-se já na Suíça, em Zimmerwald, nos fins de 1915, e em que participaram muitos sindicalistas. A defesa de uma «paz sem anexações nem indemnizações» espalha-se e exerce amplas influências. O descontentamento social origina por sua vez o reiniciar de movimentos de protesto e de reclamação social, especialmente intensos na Inglaterra e na Irlanda. Os poderes públicos são levados a atenuar ou suprimir certas medidas de ocasião e a alargar regalias sociais.

Antes do fim da guerra um novo factor veio influir poderosamente nos movimentos das classes trabalhadoras. A revolução que, em Fevereiro de 1917, derrubou o regime dos czares, em que as classes trabalhadoras muito tinham sofrido, despertou grande entusiasmo e foi um factor poderoso de renovação de movimentos sindicais e políticos. Posteriormente, o novo regime russo, defendendo uma concepção de sindicato subordinado ao partido, agiu no sentido da demarcação de várias correntes sindicais, mas, inicialmente, e sobretudo através da luta pela paz e contra as injustiças sociais acentuadas pela guerra, a vitória da revolução de 17 contribuiu para a dinamização geral dos movimentos dos trabalhadores ou em que estes participavam.

Nos fins de 1918 terminava a Grande Guerra e nascia a esperança duma paz duradoura. Esperança que se não confirmaria pois outra guerra maior iria deflagrar apenas vinte anos depois. Contudo, um novo período surgia, cheio de novas e graves experiências, as quais muita importância têm ainda para os homens de hoje.

II

No imediato após-guerra o mundo do trabalho foi centro de uma série de movimentos de reclamação social, enquanto as organizações sindicais cresciam largamente em efectivos, tornando-se verdadeiras organizações de massa, e passavam a ter um lugar de relevo dentro de cada nação industrializada. De entre aqueles movimentos realçam-se os que se

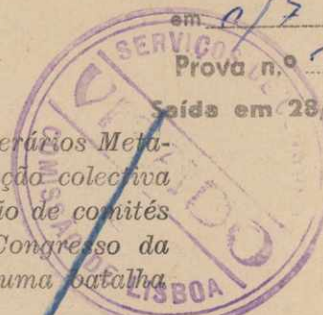


SERVIÇOS DE CENSURA
ESTADO
CORTADO

em 0/7/64

Prova n.º 254

Saída em 28/5/64



deram em Itália onde, em 1920, a Federação Italiana dos Operários Metalúrgicos, não tendo conseguido a aplicação de uma convenção colectiva de trabalho, deu ordem de ocupação das fábricas e formação de comités de direcção, o que começou a ser efectuado; porém, o Congresso da C. G. T. italiana não aceitou transformar o movimento numa batalha política e este findou após vinte e dois dias de ocupação.

Em Inglaterra manifestou-se logo após o fim da guerra uma corrente de descontentamento que atingiu largamente o exército em virtude da lentidão com que se estava a dar a desmobilização, tendo surgido comités de soldados, aviadores e marinheiros, que promoveram vários desfiles e manifestações de protesto, e obtiveram entretanto uma desmobilização mais rápida. No Verão de 1919, tendo o governo britânico ameaçado declarar guerra a Rússia, formaram-se muitos conselhos de acção, sob o tema de «hands off Russia», destinados a agir para evitar essa declaração de guerra, enquanto o partido trabalhista e os sindicatos organizavam manifestações e declaravam ao governo que «os trabalhadores organizados utilizariam todo o seu poder industrial para evitar a guerra», guerra que de facto não foi declarada. Durante 1919, um grande número de greves se deu também: de metal-mecânicos e operários de construção naval na região do Clyde, em luta pela semana de quarenta horas, de operários têxteis, no Lancashire, em defesa de um aumento de salários no valor de 30 % e da semana de quarenta e oito horas, e uma greve generalizada dos ferroviários que pretendiam uma estandartização dos salários, que eram mais baixos que os pagos para funções idênticas nas empresas industriais; estas últimas actuações, dos operários têxteis e dos ferroviários, tiveram êxito e, no caso dos últimos, a greve só se não alargou aos trabalhadores doutros meios de transporte e aos das docas e aos mineiros, cujos sindicatos tinham formado com os dos transportes a «Tríplice Aliança», porque os dirigentes do sindicato dos ferroviários o evitaram. Mas a questão mais importante foi a que surgiu a propósito da reclamação da nacionalização das minas; estas, eram exploradas por imensas sociedades independentes, com má organização do trabalho, baixos salários, e sofrendo grande concorrência internacional que provocou a redução das exportações. A Federação dos Mineiros considerava que apenas a nacionalização podia resolver estes problemas e viu a sua opinião apoiada pela Comissão Sankey (do nome do juiz que a ela presidiu), comissão criada oficialmente e em que estavam representadas a Federação dos Mineiros e as companhias mineiras. A ordem de greve foi anulada em face de compromisso do governo no sentido de aplicação das conclusões da Comissão Sankey. Perante uma posterior recusa de aplicação destas os mineiros pronunciam-se pela greve geral mas, num Congresso especial, as Trade Unions preferem «uma propaganda política intensiva» e lançam a campanha «as minas para a nação». No ano seguinte, em 1921, nova polémica entre as companhias mineiras e a Federação dos Mineiros, declaração por aquelas do «lock-out», após recusa de negociar ao nível nacional e baixa de salários, reacção da Tríplice Aliança, a qual todavia se dividiu novamente sobre a utilização da greve ou o recurso apenas aos meios de negociação com o primeiro ministro. Com um acordo de aumento

RECEBIDO
 28/5/64
 COPIADO

Provas remetidas à Censura

em 17/7/64

Prova n.º 755

Saída em 28/5/64



de salários a questão serenou, para rebentar em 1926 quando as companhias voltaram a querer impor uma baixa de salários; nessa altura o conselho geral das Trade Unions decidiu apoiar os mineiros através de uma greve geral, que durou uma semana, a seguir à qual as negociações se retomam e a ordem de greve é anulada, dando-se entretanto uma diminuição de ardor na luta sindical e sofrendo os sindicatos britânicos um golpe com o Trade Dispute Act que lhes retira vários dos direitos concedidos em 1906 (são designadamente consideradas ilícitas as greves de apoio e as associações de funcionários públicos ficam proibidos de se filiar no Trade Unions Congress).

O movimento operário ensaiou contudo a partir de 1928, um esforço activo de entendimento com as organizações patronais, tendo o Congresso das Trade Unions aprovado em Janeiro de 1928 um programa nesse sentido. A Grã-Bretanha atravessava uma grave crise e o povo inglês tomava plena consciência disso; a consagração de um ministério trabalhista melhor possibilitou essa actuação tendente a conseguir uma colaboração equilibrada.

Deste esforço resultou o reconhecimento oficial das Trade Unions pela Federação das Indústrias Britânicas (organismo patronal fundamental) e a recomendação desta aos industriais para concluírem convenções colectivas com os sindicatos filiados no Trade Union Congress; os sindicatos aceitaram a aplicação geral da racionalização do trabalho desde que esta não implicasse baixa de salários e incluísse a participação dos operários na introdução dos novos métodos. O governo trabalhista criou um conselho económico nacional permanente, com representação das Trade Unions. Porém, a queda deste ministério, a própria crise económica, a diminuição das indemnizações de despedimento e uma ofensiva patronal contra os salários poriam esta colaboração em causa e no Congresso de Bristol, em Setembro de 1931, os sindicatos renunciavam ao esforço especial que estavam a fazer nesse sentido.

Até à guerra de 39 não há mais novidades importantes no movimento sindical inglês que é entretanto contagiado por um espírito burocrático, que, através do desenvolvimento da sociedade anónima, envolvia também a burguesia inglesa que perdia assim o seu tradicional espírito individualista e criador. Pelo que respeita às Trade Unions, Harold Laski e Sir Stafford Cripps, logo em 1932, protestam contra o conservantismo que as invadia.

O movimento sindicalista inglês recebeu assim as vantagens e as desvantagens de ter sido o primeiro que se organizou e cresceu; alcançou um grau elevado de consciência e coesão e um lugar proeminente na política nacional mas não conseguiu aproveitar os principais períodos de élan popular e tirar daí melhores resultados, em grande parte por falta de «um organismo central de coordenação verdadeiramente eficaz para o conjunto do movimento sindical» (como já se dizia num relatório do T. U. C. em 1919), bem como de coordenação dos sectores político, industrial e cooperativo com vista a uma acção de conjunto sobre a evolução da sociedade.

SERVIÇO DE CENSURA
CORTADO

GUERRA CIVIL DE ESPANHA

HUGH THOMAS

EDITORA ULISSEIA

A guerra civil de Espanha excedeu em ferocidade muitas guerras entre nações. Contudo, as baixas foram menores do que geralmente se teme. O número total de mortos causados pela guerra parece ter sido de aproximadamente 600 000. Deste número cerca de 100 000 morreram em consequência de assassinios puros e simples ou de execuções sumárias. Umhas 220 000 pessoas morreram talvez de doença ou falta de alimentos directamente imputáveis à guerra. Cerca de 320 000 morreram provavelmente em combate.

O custo da guerra, incluindo as despesas internas e externas, foi avaliado mais tarde pelos nacionalistas em 3000 milhões de libras (valor de 1938). O principal dano foi no domínio da mão-de-obra, devido por um lado às mortes e incapacidades permanentes e por outro lado ao exílio de 340 000 pessoas no final da guerra. As autoridades nacionalistas avaliaram em 4250 milhões de pesetas os danos causados nos edifícios mas visto que parece tratar-se apenas dos danos causados pelos republicanos deve tratar-se de um cálculo por baixo. 150 igrejas foram completamente destruídas e 4850 danificadas — destas últimas 1850 encontravam-se mais do que meio destruídas. 183 cidades ficaram de tal forma maltratadas que o general Franco as «adoptou» — o que quer dizer que o seu governo tomou a seu cargo providenciar pela sua reconstrução. Cerca de 250 000 casas ficaram de tal forma arruinadas que se tornaram inabitáveis. Nesta conta não entram provavelmente outras 250 000 casas parcialmente danificadas.

No que respeita à indústria, as fábricas de Bilbao e Barcelona saíram da guerra quase intactas. Os trabalhos de irrigação na periferia de Valência ficaram indemnes. Embora a Espanha perdesse uma terça parte do seu gado e muito do seu material agrícola, as terras de sementeira e as instalações rurais sofreram menos do que seria de esperar — muito menos do que de os campos da França Setentrional na primeira guerra mundial. O sistema de transporte sofreu um dano de aproximadamente 325 milhões de pesetas. Os caminhos de ferro perderam 61 por cento das suas carruagens de passageiros, 22 por cento dos seus vagões de carga e 27 por cento das suas locomotivas. Os camiões eram escassos, mas as estradas encontravam-se em boas condições. As reservas de matérias-primas e de alimentos eram muito baixas. A eclosão da segunda guerra mundial, em Setembro de 1939, impediu que a Espanha adquirisse no estrangeiro meios de saras as suas feridas. A situação foi agravada por uma longa sucessão de secas. Em consequência disso os anos que se seguiram à guerra (especialmente 1941-42) foram de grandes privações para a maioria do povo espanhol.

O fim da guerra encerrou uma época da história da Espanha. Quase todos os actores principais dos turbulentos sucessos do último meio século tinham morrido ou encontravam-se no exílio. Muitas instituições e ideais haviam desaparecido. Os políticos liberais e católicos da República tinham sido postos de lado, sem cerimónia, mesmo antes de começar a guerra. Agora eram também os grandes partidos proletários da Espanha que se encontravam esmagados, e com eles todos os seus sonhos corajosos, generosos e violentos. Os *leaders* bascos e catalães encontravam-se separados pelo exílio das suas queridas terras natais. E entre os vencedores a morte fizera grande razia também! O galanteador Sanjurjo, o conquistador Mola, o brilhante Calvo Sotelo, José António Primo de Rivera com todo o seu encanto pessoal, Onésimo Redondo, o fascista de Valladolid, Ledesma, com o seu bigodinho à Hitler — todos haviam morrido, e morrido de morte violenta. Nenhum dos partidos vencidos na guerra civil pagou tamanho tributo à morte — a não ser que os poetas, entre os quais a chacina foi também impiedosa, constituíram um partido; o grande humanista Unamuno morreu de desgosto em Salamanca; García Lorca jaz numa cova desconhecida em Granada; Machado morreu no exílio, numa pensão de Collioure; Miguel Hernández morreu numa masmorra de Alicante. E, para além das mortes destes homens célebres ergue-se o espectro enorme desses muitos milhares de guerreiros,



SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE!

em 2/3/64

Prova n.º 157

Saída em 28/5/64

conhecidos e desconhecidos, que morreram também, dando quase todas as suas vidas — com maior entusiasmo do que na maior parte das guerras — por causas que, em ambos os lados, eles acreditavam que eram nobres.

Mas as próprias causas tinham quase todas morrido em 1939. As três grandes querelas que desencadearam a guerra tinham-se consumido a si próprias, transformando-se no decorrer da luta de apaixonados conflitos entre extremismos irreconciliáveis numa série de batalhas oportunistas pela vitória, ou pela sobrevivência, a todo o preço. Se por um lado a Maçonaria e o liberalismo haviam sido exorcizados, por outro a Igreja aparecia quase prostrada diante da Falange. Mas as aspirações sociais da Falange tinham desaparecido quase tão completamente como o comunismo, o anarquismo e o socialismo. A derrota dos separatistas bascos e catalães não significava que os monárquicos ou os carlistas se encontrassem em condições de impor os seus pontos de vista. Sobre os crânios amontoados desses ideais, um homem frio, sombrio, indefinido, sobrevivia triunfante, como Octávio sobreviveu às guerras civis de Roma. César e Pompeu, Bruto e António, Catão e Cícero — todos eles, a despeito de todo o seu génio, careciam do talento menor de saber sobreviver. Francisco Franco foi o Octávio de Espanha.

As suas realizações na guerra civil foram consideráveis. Como supremo comandante das forças nacionalistas, as suas funções eram estratégicas e políticas, nunca tácticas — embora visitasse frequentemente a frente. Não teve oportunidade de se revelar (ou de arriscar a sua reputação) como comandante de campo. O seu papel era decidir em que região devia ser desencadeada uma ofensiva, certificar-se de que uma ofensiva projectada não começava antes de dispor de todos os meios necessários e suspender um contra-ataque (como em Brunete) quando os objectivos iniciais fossem alcançados. Os oficiais alemães que colaboraram com Franco, como von Thoma, consideravam-no antiquado. Mas pela sua cautela, paciência e puritanismo assemelhava-se ao futuro vencedor de von Thoma em El Alamein — Lorde Montgomery. Quando Mussolini, através de um enviado, se queixou de que os nacionalistas tardavam de mais em obter a vitória, Franco respondeu: «Franco não está a fazer a guerra na Espanha. Está a libertar a Espanha. Não me posso dar ao luxo de destruir ao inimigo nem cidades, nem qualquer região rural, nem as indústrias, nem os centros de produção. Por esse motivo não posso ir mais depressa. Se procedesse de outro modo estaria a comportar-me como um estrangeiro. Dê-me aviões, munições, tanques e artilharia e o vosso apoio diplomático e ficarei grato. Mas não me peçam pressa porque isso seria matar um grande número de espanhóis. Seria isto o que ele sentia? É certo que em combate Franco (ao contrário de alguns dos seus generais) tinha sempre relutância em desperdiçar a vida dos seus homens. Ao contrário de von Thoma, Franco não tinha interesse nas inovações militares *per se*. As suas realizações, porém, não foram apenas na esfera do comando, onde era efectivamente servido por um grupo heterogéneo de subordinados, a quem (principalmente devido à sua experiência comum em Marrocos, onde tinham estado juntos na juventude) inspirava uma inquestionável lealdade. O grande êxito do general Franco operou-se realmente na esfera política, e esse êxito deveu-se em parte ao facto de ele tratar a política como mero capítulo da ciência militar. Os *leaders* políticos eram para o general Franco simples comandantes de divisão. Os seus pontos de vista e aspirações não passavam de mero artigo a crescer ao rol do material à carga. Franco conseguiu instalar-se como o *leader* político do país mais difícil de governar graças ao facto de desdenhar completamente as aspirações dos políticos. Em consequência disso a sua posição nunca se encontrou verdadeiramente ameaçada no decorrer da guerra civil.

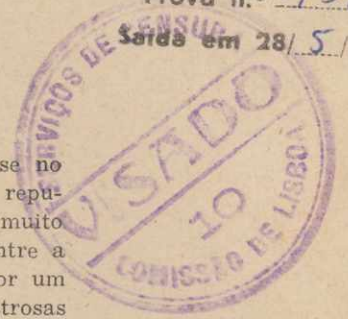
A síntese política que ele realizou entre os seus seguidores foi o factor decisivo da suprema vitória. Sem dúvida que Serrano Suñer o ajudou grandemente, fornecendo-lhe um simulacro de base teórica para essa síntese, e foi essa base que serviu de fonte de propaganda que permitiu mobilizar meio milhão de homens com razoável eficácia. Mas foi a calma de Franco (proverbialmente típica da sua Galiza natal) que lhe conferiu a chefia dos nacionalistas muito antes de Serrano Suñer ter saído

IP
SERVIÇOS DE CENSURA
(SERV) 157
AUTORIZADO
COM
CORTE

em 2/7/64

Prova n.º 158

Saída em 28/5/64



de uma prisão republicana e que depois disso lhe tem permitido conservar-se no poder. Havia quase tantas dissidências virtuais no campo nacionalista como no republicano. A demora em obter a vitória e os incessantes desapontamentos deram muito azo a que se quebrasse a solidariedade nacionalista. Sem dúvida o acordo entre a Falange, a Igreja, os monárquicos, os carlistas e o exército foi facilitado por um certo desespero de classe, por um maior conhecimento das realmente desastrosas consequências da derrota do que o que existia do lado republicano, talvez até por um maior cinismo que levou estes grupos superficialmente discordantes, e o próprio Franco, a acreditar que não havia objectivos políticos tão importantes que valessem — para tentar alcançá-los — correr o risco da derrota. Mas foi Franco quem fez convergir esse desespero, esse medo em armas de guerra. Finalmente, nem os seus próprios inimigos negam que ele e o seu ministro dos Estrangeiros, o general Jordana (coadjuvado por Nicolás Franco) levaram a cabo uma obra-prima de diplomacia conseguindo que os alemães e os italianos os ajudassem sem ceder aos ditadores desses povos muito mais do que um reconhecidamente grande número de direitos mineiros.

Se esta unidade ajudou muito os nacionalistas a obter a vitória, é evidente que foi a desunião dos republicanos que mais contribuiu para lhes impor a derrota. É verdade que essa desunião é o próprio facto que torna um estudo da antropologia política da Espanha Republicana, especialmente nas suas primeiras fases, tão particularmente fascinante. E, como poderia esperar-se, as vozes republicanas nunca se mostraram mais discordantes do que quando se tratou de atribuir as responsabilidades pela derrota. Alguns acusam os comunistas de terem sufocado o impulso da causa republicana com a sua preocupação de obter o poder para eles. Outros pretendem que, embora os comunistas desejassem a vitória tão apaixonadamente como proclamavam, Stalin tinha receio das consequências de uma vitória republicana, e, a partir de determinada altura, fez discretamente tudo o que pôde para provocar a derrota. Os anarquistas continuam a pensar que teriam ganho a guerra se nos primeiros dias de luta a revolução proletária tivesse sido levada até final. Alguns ainda atribuem a perda da guerra à política de não-intervenção prosseguida pela Inglaterra, pelos Estados Unidos e pela França. Outros dizem sem rodeios que foi a intervenção alemã e italiana que permitiu a Franco ganhar a guerra.

Que há de verdade neste tudo? Indubitavelmente a República foi terrivelmente prejudicada pelas disputas entre os partidos que a apoiavam. Pode encontrar-se uma desculpa para o facto alegando que todos esses partidos eram tão ciosos dos seus ideais individuais que preferiam a derrota à renúncia da pureza dos seus objectivos políticos. Seria talvez mais verdadeiro dizer que ninguém foi capaz de forjar uma unidade autêntica entre as facções dissidentes dos republicanos como Franco e Serrano Suñer foram capazes de conseguir no meio dos nacionalistas.

Resta o assunto controverso da intervenção estrangeira. O valor total do auxílio estrangeiro à Espanha é calculado no Apêndice III. Mas números não explicam tudo. Foi a oportunidade mais do que a quantidade que constituiu a suprema diferença na guerra de Espanha. Houve cinco ocasiões em que a chegada de auxílio estrangeiro foi decisiva. Em primeiro lugar o fornecimento de transporte aéreo pelos alemães e italianos, em Julho de 1936, permitiu a Franco transportar a tropa da África através do estreito de Gibraltar. Dizer simplesmente que os nacionalistas teriam perdido a guerra se não fosse essa ajuda dá origem a muitas perguntas. Mas a guerra teria certamente tomado uma feição muito diferente se a tropa da África não tivesse desembarcado tão cedo no continente. Esse auxílio germano-italiano teve um efeito muito mais profundo do que a compra simultânea de aviões feita pela República em França. Foi realmente um momento decisivo. A segunda ocasião crucial ocorreu, em Novembro de 1936, quando a ajuda da Rússia à República, a chegada das brigadas internacionais e o apoio bem organizado do comunismo internacional salvou provavelmente Madrid. Aqui o momento crítico não se verificou nos princípios de Novembro quando o próprio povo de Madrid manteve em xeque os mouros, mas mais tarde, nas batalhas da Cidade Universitária e da estrada da Corunha. A terceira ocasião foi quando os fortes reforços enviados por Mussolini e Hitler nos princípios

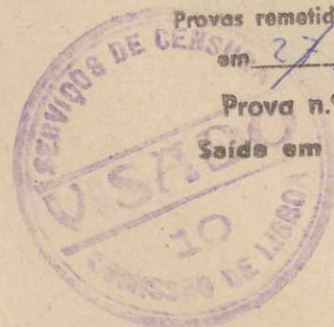
SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 27/7/64

Prova n.º 159

Saída em 28/5/64



do 1937 impediram um colapso dos nacionalistas quando os generais Mola, Varela e Orgaz falharam nas suas sucessivas tentativas de conquistar a capital. A quarta ocasião foi quando o auxílio francês e a abertura da fronteira francesa ao auxílio soviético e do Comintern afastou a derrota dos republicanos, na Primavera de 1938, depois do êxito da ofensiva dos nacionalistas no Aragão. Por último, e mais importante, se Franco não tivesse oferecido tantos direitos mineiros em troca de armas alemãs no Outono de 1938, não poderia ter lançado a tão bem sucedida campanha da Catalunha no Natal desse mesmo ano. Se não fossem essas armas o seu exército encontrar-se-ia tão mal municiado depois da batalha do Ebro como o próprio exército republicano. Nesse caso, a despeito de todas as sugestões em contrário, uma paz negociada acabaria por tornar-se inevitável.

A campanha final foi decisiva. O preço era a participação da Alemanha em toda a produção de minério de ferro da Espanha. Em troca desta oferta opulenta a Alemanha comprometia na Espanha o material de guerra necessário para fazer a balança pender finalmente para o lado nacionalista. Isto era bem diferente da política alemã para com a Espanha na primeira parte da guerra. O governo alemão tinha de facto decidido que os receios que anteriormente nutrira de que a guerra de Espanha resultasse numa conflagração europeia eram infundados, por mais flagrantes que fossem as suas violações do pacto de não-intervenção. Com efeito, depois do acordo de Munique, parecia evidente que a França e a Inglaterra não iriam para a guerra nem por causa da Espanha nem por qualquer outra causa. Essa impressão foi confirmada pela imediata entrada em vigor, em Novembro de 1938, do acordo anglo-italiano. O governo alemão foi também encorajado a pensar que podia actuar com impunidade em Espanha pelo notável arrefecimento do interesse soviético pela República no Outono de 1938, e ainda por vários gestos, especialmente depois de Munique, do governo soviético para com a própria Alemanha. Mas até Munique a política alemã fora a de recusar-se a comprometer na Espanha forças e material suficientes para assegurar o triunfo dos seus *protegidos* nacionalistas. Os alemães pensavam que um tal comprometimento poderia desencadear uma guerra europeia. Na verdade, a Alemanha e a Rússia partilharam durante a maior parte do tempo que durou a guerra civil uma forte relutância em arriscar qualquer passo que pudesse incendiar a Europa. É possível que, no início da guerra civil, Stalin tivesse acalentado, como um dos seus muitos planos, a esperança de que a França e a Inglaterra se envolvessem do lado dos republicanos enquanto a Itália e a Alemanha pugnavam pelo lado dos nacionalistas — deixando à Rússia a posição de árbitro neutral de todos os destinos da Europa. Mas logo que a Rússia se comprometeu com a República, em Outubro de 1936, qualquer guerra generalizada resultante do conflito espanhol envolvê-la-ia também. Por conseguinte, a partir desse momento, Stalin seguiu uma política semelhante à de Hitler: impedir que os seus protegidos fossem derrotados sem contudo lhes tornar possível a vitória. Assegurar uma vitória republicana significaria comprometer tropas e material numa escala que podia muito bem provocar uma guerra europeia.

Assim todas as quatro primeiras ocasiões descritas como momentos em que a intervenção foi decisiva ocorreram em situações defensivas, quando as nações intervencionistas timaram medidas para evitar a derrota de um lado ou do outro. Este foi um dos motivos por que a guerra durou tanto tempo. Hitler e Stalin tinham vários motivos para justificar a continuação da guerra por esse sistema. Podiam continuar a ensaiar as suas técnicas políticas e militares. Para qualquer deles a vitória em Espanha era susceptível de acarretar tantos problemas difíceis como a própria derrota. Se a guerra civil continuasse esses problemas podiam ser adiados. Mussolini, que acima de tudo procurava engrandecer-se na guerra, estava naturalmente descontente. Comprometera na Espanha tantos soldados quantos pôde dispensar de outras actividades. Se a Alemanha ou a Rússia tivessem enviado para a Espanha tantos homens como ele enviou — 50 000 — era provável que se tivesse desencadeado em pouco tempo uma guerra mundial. Mas 50 000 italianos não chegavam para ganhar a guerra de Espanha para Franco, nem eram de molde a assustar fosse quem fosse a ponto de provocar um conflito generalizado.

SECRETARIA DE ESTADO
AUTORIZADO
COM
CORTES

em 2/7/64

Prova n.º 160

Saída em 28/5/64



A não-intervenção foi tão importante como a intervenção.

Os países estrangeiros que se envolveram na guerra em Espanha adquiriram com esse facto muita experiência militar. Von Thoma, comandante da unidade alemã de tanques que combateu pelos nacionalistas, descreveu o conflito como «o campo de manobras europeu». Os italianos também sabiam quais as lições a tirar da experiência espanhola, mas não souberam como aproveitá-las. Léon Blum, justificando no seu julgamento em Riom, em 1942, o envio de aviões franceses para a Espanha, falou da guerra civil como um «teste para o material aeronáutico francês». Mas de forma geral os franceses tiraram conclusões erradas da guerra de Espanha. Chegaram ao ponto de acreditar num escritor emigrado alemão, Helmuth Klotz, que depois de passar umas semanas apenas em Espanha escreveu nas suas *Leçons Militaires de la Guerre d'Espagne* que o tanque havia sido suplantado pelo canhão antitanque. Em consequência disso o estado-maior francês desdenhou inteiramente a concepção da guerra mecanizada que havia sido experimentada na Espanha. Isto trouxe-lhes catastróficas consequências quando as divisões Panzer de Guderian irromperam através das planícies setentrionais da «doce França», em 1940. Os russos também tiraram conclusões erradas da sua experiência espanhola. O general Pavlov disse a Stalin que a guerra em Espanha demonstrara que as formações de tanques não podiam desempenhar um papel autónomo no desenrolar das operações. É possível contudo que tenha dito isso para evitar ser apontado como sequaz das teorias do malogrado marechal Tukhachevsky, que depositava grande fé nessas formações. Seja como for, a grande força de tanques russos encontrava-se em 1939 distribuída como apoio da infantaria. O êxito dos alemães na Polónia e na França levou a adoptar novamente o sistema de Tukhachevsky, mas a emenda não aproveitou, por demasiado tardia, à primeira fase da guerra germano-russa de 1941. Por outro lado, os *leaders* civis comunistas, como Togliatti e Gerö, adquiriram valiosa experiência de que se serviram útilmente na Europa de Leste nos anos que se seguiram à guerra mundial. Tanto os comunistas italianos como os seus camaradas jugoslavos se aproveitaram das inestimáveis experiências adquiridas em Espanha para lutar como guerrilheiros nos seus próprios países contra os alemães em 1944-45. Até os ingleses conseguiram aprender qualquer coisa. O *Illustrated London News* abriu o caminho com uma análise dos efeitos dos tanques aéreos a Barcelona intitulada um «Estudo sobre a vivisecção». Fred Copeman, ex-comandante do batalhão Britânico da Brigada Internacional, encontrou-se poucos meses depois a dar lições sobre defesa contra ataques aéreos à família real, no Palácio de Windsor. O auxílio médico à República deu motivo a grandes progressos na cirurgia militar e civil e na terapia em geral. Destes progressos o mais notável foi o desenvolvimento da técnica da transfusão de sangue inspirada pelo canadiano Dr. Norman Bethune.

Os efeitos gerais da guerra civil de Espanha no resto do mundo não podem, porém, ser avaliados em termos tão exactos. A guerra foi, pelo menos para o mundo ocidental, um acontecimento apaixonante. As próprias indecisões dos governos das suas democracias contribuíram para exacerbar os sentimentos dos cidadãos desses países mais directamente interessados no conflito. Pela intensidade da comoção despertada, a segunda guerra mundial foi um acontecimento de muito menor projecção do que a guerra de Espanha. Esta apresentava-se como uma «guerra justa», como sucede com as guerras civis em relação aos intelectuais, visto que carecem da aparente vulgaridade dos conflitos entre nações. A guerra de Espanha pareceu, ~~elo~~ ~~menos no princípio, quando todos os partidos da Espanha parecia cooperarem,~~ ser o grande momento de esperança para toda uma geração irritada com o aparente cinismo, indolência e hipocrisia da geração anterior, que nenhuma simpatia lhes merecia. Mas foi também um conflito demasiado restrito para ser compreendido pelos indivíduos. Como consequência disso, muitas polémicas, muitas discussões e algumas obras-primas foram geradas. A luta engendrou uma floração de energia criadora em muitos países (tal como na própria Espanha, em ambos os campos), que pode comparar-se em qualidade a qualquer obra produzida pela segunda guerra mundial. O punhado de obras-primas que foram realizadas permanecerão para sempre como monumentos à memória dos que morreram.

SERVIÇO DE CENSURA
AUTORIZADO
COM
CÓPIAS



EUROPA	FORA DA EUROPA	CIVILIZAÇÃO
<p>Remilitarização da Renânia (7 de Março). Frente Popular em França: greves (Maio, Junho). Ministério Blum, leis sociais. Eixo Roma-Berlim. Pacto anti-komintern (Alemanha, Japão).</p>	<p>Independência do Egipto. Autonomia da Síria e do Líbano. Revoltas árabes e judias em Jerusalém. Descoberta do petróleo na Arábia Saudita. Tréguas entre Chiang-Kai-Chek e os comunistas.</p>	<p>F. Garcia Lorca: <i>A Casa de Bernarda Alba</i>. Cholokov, <i>Terras Desbravadas</i>. Morte de Gorki. Assassinato de Garcia Lorca pelos nacionalistas espanhóis. Filmes: <i>Os Tempos Modernos</i> (Chaplin).</p>
1937		
<p>Queda do Ministério Blum. Terceiro Plano Quinquenal na URSS. Desenvolvimento da intervenção alemã e italiana em Espanha. Extensão do pacto anti-komintern.</p>	<p>Lei «Cash and carry». Guerra sino-japonesa (Julho). Primeiros sucessos japoneses.</p>	<p>Encíclica <i>Mit Brennender Sorge</i> (condenação do nazismo). Encíclica <i>Divini Redemptoris</i> (condenação do comunismo). Exposição das Artes e Técnicas na Vida Moderna, Paris. Picasso, <i>Guernica</i>. Filmes: <i>A Grande Ilusão</i> (Renoir).</p>
1938		
<p>«Anschluss» da Austria e da Alemanha (11 de Março). Crise dos Sudetas (Maio-Setembro). Conferência de Munique (29-30 de Setembro).</p>	<p>Desenvolvimento da ofensiva japonesa na China.</p>	<p>A. Malraux, <i>L'espoir</i>. G. Bernanos, <i>Les Grands Cimetières sous la lune</i>. J. P. Sartre, <i>A Náusea</i>. Morte de G. D'Annunzio. Filmes: Alexandre Nevsky (Eisenstein), <i>La Bête Humaine</i> (Renoir).</p>
1939		
<p>Vitória franquista em Espanha. Os alemães anexam a Boémia. Os italianos invadem a Albânia (Março-Abril)</p>		<p>Morte do Papa Pio XI. Eleição de Pio XII. J. Joyce, <i>Finnegan's Wake</i>, Saint-Exupéry, <i>Terre des Hommes</i>, Drieu La Rochelle, <i>Gil</i></p>

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

AUTORIZADO
COM
CORTES
(SÉDE)
SERVIÇOS DE CENSURA



trialização se revelou inapta para resolver automaticamente as contra-
dições geradas no seio das primeiras nações afectadas pela revolução
industrial. Certos conflitos surtos nestas foram o prelúdio do último
pós-guerra, em que o terceiro mundo lhes internacionalizou o conteúdo.
Por outras palavras: descobriu-se que a organização do labor humano
não deve ser olhada como um fenómeno secundário e local, e que as
grandes ferramentas da economia contemporânea não podem ser utili-
zadas do sabor da inspiração e dos egoísmos. Este é o problema fulcral
da nossa era, e não hesitemos em atribuir primeiríssima relevância a
quantos episódios o encarnaram na Europa entre as duas guerras mun-
diais. Se soubermos examinar os grandes factos históricos desse período,
detectaremos imediatamente o seu único motor: as dissensões em torno
da forma a dar a uma humanidade industrializada, num mundo onde
~~os frutos da industrialização contemporânea se acumularam e repuseram em
debate a noção de soberania.~~

3

Seria desaconselhável e até impossível olhar o período 1919-1939
obstruindo do que se lhe seguiu. Parece-nos igualmente insensato dis-
cutir os acontecimentos de hoje na ignorância ou no esquecimento dos
de ontem. Trata-se de vários elos na cadeia de uma grande etapa histó-
rica, da qual, provavelmente, vivemos a crise derradeira. E embora essa
etapa só venha a ser bem entendida por quem esteja em vida após o seu
final, toda a actividade dos que — como nós — lutam em plena crise
deve inspirar-se de uma grande atenção aos acontecimentos, para deles
podermos deduzir os sinais dos tempos e a conduta aconselhável.

A Europa entre as duas grandes guerras conheceu diversos inci-
dentes em que claramente se manifestou o conflito de fundo da nossa
época, o qual, como se disse, respeita às resistências que a civilização
do trabalho à escala planetária encontrou quando começou a despontar.
Cada episódio desses encerra todas as características do imenso parto
difícil, e não é tarefa inútil fornecer a leitores oportunidade para medi-
tarem nelas.

~~Se o condicionamento em que trabalhamos nos impediu de publicar
o número que desejávamos, ousamos esperar que essas lacunas encon-
trem uma cobertura inteligente.~~

SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO
COM
CORTES
(SÉDE)
SERVIÇOS DE CENSURA